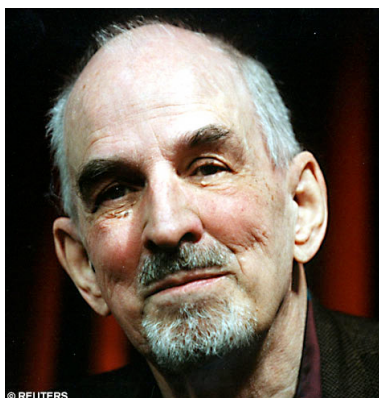


Bergman e Cícero: um colóquio sobre a velhice e a morte

Por Luciana Helena Mussi



Este artigo “Bergman e Cícero: um colóquio sobre a velhice e a morte” teve sua semente germinada nas reflexões sobre o envelhecer. Assim como as plantas, este artigo se alimentou da fonte dos inquietantes filmes do cineasta Ingmar Bergman e, é claro, das sábias palavras sobre o envelhecer do grande protagonista, Marco Tulio Cícero.

Graças a estes soberbos personagens, à estética da existência, à magia do tempo e a esta interlocução, este encontro ficcional foi possível. É importante lembrar que Bergman e Cícero, cada qual vindo de sua época específica, criaram tamanha atmosfera de cumplicidade, que o arrasador e imprevisível “Tempo que os separa” não se configurou como um empecilho de linguagem ou um desencontro de ideias, mas sim um encontro íntimo, de confissões mútuas e de saberes partilhados. Este colóquio é para ser degustado, vagarosamente, letra por letra, palavra por palavra até ser incorporado nesta imensidão que somos todos nós, sujeitos tão inconformados, tão ausentes de si.

Bergman: Eu, Ernst Ingmar Bergman, nascido em 1918, Uppsala – Suécia, brilhante cineasta, homem pleno e bem-sucedido, mas pela ironia dos anos, já velho e angustiado com o passar do tempo, ainda sedento pelos anos de infância e juventude, sofrido porque sei que meu caminhar se esgota. Então a ti, Marco Tulio Cícero, homem sábio, político influente, jurista, orador e filósofo, ousou perguntar: Meu coração se inquieta, não desejo a morte, mas ela me assombra desde sempre. Tenho em mim, que esta inexorável velhice carrega a maldita nas suas entranhas, então, por que tenho que aceitar esta ingrata que insiste em me desafiar?

Cícero: Meu caro senhor, muito me alegra teres me procurado, sei que não foi assim tão fácil este encontro, já que muitos anos nos separam, séculos de saber e imbecilidades. Mas, graças ao todo poderoso Cronos, este encontro pôde se realizar! Brindemos a ele!

Bem, entendo que o conhecimento da filosofia “permite atravessar sem desagrado todas as épocas da vida”, ela nos ajuda a compreender este envelhecer, algumas vezes, tão penoso para alguns e tão doce e reconfortante para outros. Por certo, “todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza” e a morte é apenas uma delas.

Bergman: Como podes dizer que a natureza deseja tamanha ruptura? Acaso as flores apreciam o murchar de suas pétalas? Por que não dizer dos frutos, ao serem arrancados da árvore mãe para se tornarem o alimento alheio? Ou dos peixes capturados cruelmente do líquido que os mantém vivos? Porque insistes em não responder?

Cícero: Vejo que és um homem bastante insistente, espero que agora as minhas palavras toquem o teu mais profundo ser. Vamos tentar, juntos, algumas ideias: é irônico porque “todos os homens desejam alcançar a velhice, mas ao ficarem velhos, se lamentam. Queixam-se de que ela chega mais furtivamente do que a esperavam. Por diabos, a velhice seria menos penosa para quem vive oitocentos anos do que para quem se contenta com oitenta anos?”

A ti pode parecer quase um insulto, mas insisto: “simplesmente, é preciso que haja um fim; que, à imagem das bagas e dos frutos, a vida, espontaneamente, chegada a sua hora, murche e caia por terra”. “Pretender resistir à natureza não teria mais sentido que querer - como os gigantes - guerrear contra os deuses”. E vejo que esta é tua intenção, e é exatamente por isso, que te alerto: vais sair deveras machucado deste embate.

Bergman: Se ti fiz julgar que lutarei até o fim pela vida, te enganas. Sei que não tenho mais forças, meus filmes já tomaram muito de mim, até a última gota de sangue. Através deles, especialmente meus “Morangos Silvestres” e o enigmático “Sétimo Selo”, pude ver o quanto sou impotente e personifico esta impotência. Anseio por um saber que me foi negado pelos anos ou talvez por mim mesmo.

Cícero: Sendo assim, vamos falar de sua célebre frase: “Fazer filmes é mergulhar até as mais profundas raízes, até o mundo da infância.” Sabes, compreendes a profundidade de tuas palavras? Penso que, de fato, não compreendes, estás cego até para a tua rica produção. Neste caminhar, é importante aprender com muito tempo de antecendência como suportar melhor os assaltos progressivos da idade. “Será de fato a idade que devemos incriminar”? “É, portanto, ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações”.

Vejas, acompanhes o meu raciocínio: teu poder, tua riqueza e teu prestígio tornam tua velhice mais suportável? “Na extrema indigência, mesmo o sábio não poderia considerá-la leve; quanto ao imbecil, ele a julgará pesada mesmo na riqueza”. “As melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivados em qualquer idade, eles dão frutos soberbos no término de uma existência bem vivida”. “São as próprias faltas, as insuficiências, que os imbecis imputam à velhice”.

Bergman: Meu amado sábio, tens uma compreensão das coisas da vida quase insuportável para mim. É fundamental que saibas: a minha linguagem se traduz pela minha obra, uma obra que me faz regressar, olhar para um passado até então evitado, uma tarefa que sei, dilacera meu coração, no mais profundo e lancinante vermelho. Agora, envelhecendo, percebo que sempre evitei rever meus próprios filmes, que experiência é esta que me deixa tão sobressaltado, angustiado, com vontade de chorar, zangado, com medo, infeliz, nostálgico, sentimental e não sei que mais! Será que a filosofia dos Deuses poderia explicar a um pobre mortal qual seria a rota de fuga para este Etna dentro de mim?

Meus filmes foram concebidos em minhas entranhas, no coração, no cérebro, nos nervos, no órgão genital e, sobretudo, em meus intestinos. Uma vontade para a qual não existe nenhum nome foi quem os criou. Uma outra vontade, a que podemos denominar “alegria de artifice”, passou-os para o mundo dos sentidos. A pouco tu me falaste das faltas e insuficiências, com isto te digo: sou um pecador, sinto culpa por ter abandonado minhas mulheres e ter sido um pai negligente de oito filhos. Esse Bergman idoso que vos fala, que se autoanalisa de maneira impiedosa, sente remorsos quando descobre de que material é feito esse sentimento. Penso, algumas vezes, que sentimos culpa para nos infligirmos um sofrimento tolerável, muito pequeno em relação àquele que causamos nos outros. E, a partir desse insight, mesmo o sofrimento compensatório da culpa desaparece. Mas creias em minhas palavras: a criatividade salvou a minha vida.

Cícero: Sinto-me compadecido de teus sofrimentos, me afliges demasiado, mas sou um homem determinado, portanto, sigo o meu objetivo que é trazer-te um pouco de luz sobre as agruras e desafios de um “ser velho”. Agora, desejo apresentar-te as “quatro razões possíveis para acharem a velhice detestável” e a cada uma delas farei uma contraposição.

A primeira delas: “a velhice afasta da vida ativa e subtrai dos assuntos políticos? De quais”? “Não há assuntos públicos que, mesmo sem força física, os velhos podem perfeitamente conduzir graças à sua inteligência”? “Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são as outras qualidades como a sabedoria, a clarividência, o discernimento”. O que dizer então da memória, o fio da lembrança? Dizem os insanos, declina. Meu caro amigo, “os velhos se lembram sempre daquilo que os interessa”, conservam a memória tanto melhor quanto permanecem intelectualmente ativos. “Isto é tão

verdadeiro para os homens públicos, os homens célebres”, quanto para aqueles sem qualquer posição social, tranquilos e sem ambição. E preste muita atenção: “quando já era bastante idoso Sófocles ainda escrevia tragédias”.

Bergman: Por certo, nunca estive tão lúcido e tão ativo como hoje, aos 88 anos. Se pensas que vivo uma solitária velhice, te enganas. Sou um homem saudável, espantosamente ágil para a minha idade. Faço tudo sozinho e procuro manter uma rotina, pois sou muito desorganizado. Levanto de manhã, caminho na beira do mar, volto e escrevo por três horas. Depois almoço e vejo filmes, ouço música, olha o mar e medito. Penso e escrevo. Durmo, sonho e assim prosseguem os dias. É difícil imaginar melhor palco que uma ilha invernal para o último ato de um artista da solidão, que sou eu. Foi o que aconteceu, me apaixonei pelo mistério da Ilha de Farö (uma preciosidade mergulhada no Báltico, na costa da Suécia), onde comprei uma casa em 1960 e nela decidi me recolher definitivamente em 2004. Como vês, não padeço destes problemas mesquinhos da velhice, perda de memória, lapsos. Quanto mais envelheço mais intensas são as lembranças, acho que todas me devoram, seja em delírio onírico, seja pelos fatos vividos.

Cícero: Me alegra saber que compartilhas das minhas ideias e aproveitas o melhor possível, o tempo que lhe resta. Permita-me entrar no segundo inconveniente suposto da velhice: “as forças da idade”. Penso que “é preciso servir-se daquilo que se tem e, não importa o que se faça, fazê-lo em função de seus meios”. ‘A vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo”.

“É preciso resistir à velhice e combater seus inconvenientes à força de cuidados; é preciso lutar contra ela como se luta contra a doença; conservar a saúde, praticar exercícios apropriados, comer e beber para recompor as forças sem arruiná-las. Mas não basta estar atento ao corpo; é preciso ainda mais ocupar-se do espírito e da alma. Ambos, com efeito, se arriscam ser extintos pela velhice como a chama de uma lâmpada privada de óleo. E se o corpo se afadiga sob o peso dos exercícios, o espírito se alivia exercitando-se”. ‘Gosto de descobrir o verdor num velho e sinais de velhice num adolescente. Aquele que compreender isso envelhecerá em seu corpo, jamais em seu espírito”.

Bergman: Concordo com tuas palavras, é preciso, acima de tudo, alimentar o espírito. Penso e sinto através do cinema, o que é bem diferente de apenas “fazer” cinema. A minha arte alimenta, conforta e ao mesmo tempo angustia. Mas é assim que deve ser: a arte deve ser provocativa, progressiva, intensa nas imagens e nos não-ditos, ela fala pelos olhares, aquele olhar gélido e sofrido do meu amando Isak Borg, personagem principal de Morangos Silvestres. Também se expressa por um certo cavaleiro que retorna angustiado das Cruzadas, um homem à procura das palavras de Deus e na falta delas lhe resta, apenas, o abraço da morte. Façamos um brinde ao Sétimo Selo, ao filme que acalenta meu coração, e não me perguntes o porquê. Nele se vê loucuras,

vitalidade, força de vontade e uma ausência de neuroses tão comuns nas obras de hoje. Além de ser um tema tratado com paixão e prazer. Sei que muito breve entraremos na temida morte, portanto não me adianto na discussão.

Cícero: Sr. Bergman, se pensas que não aprendo contigo, estás enganado. As tuas palavras são repletas de vida, assim entendo porque te afliges com a morte. Aguardes, ela virá. “Chegamos ao terceiro agravo feito com frequência à velhice: ela seria privada de prazeres. Mas que maravilhosa dádiva nos proporciona a idade se ela nos poupa do que a adolescência tem de pior!” “A busca desenfreada da volúpia é uma paixão possessiva, sem controle. Ela é a causa da maior parte das traições em relação à pátria, da queda dos Estados, das convivências funestas com o inimigo”. “É por causa dela que se cometem violações, adultérios e outras torpezas”. Conto tudo isso “para vos fazer compreender que, se o bom senso e a sabedoria não são suficientes para nos manter afastados da devassidão, cumpre agradecer também à velhice por nos livrar dessa deplorável paixão. A volúpia corrompe o julgamento, perturba a razão, turva os olhos do espírito, e nada tem a ver com a virtude”.

“Uma vez liberada a alma, se posso dizer, das obrigações da volúpia, da ambição, das rivalidades e das paixões de toda espécie, as pessoas tem o direito de se isolarem para viverem enfim, como se diz: - “consigo mesmas”!

Bergman: Meu caro amigo, creio que agora não posso estar de acordo com teus pensamentos. Como já disse antes, me sinto bem, talvez até envaidecido, de contar a minha vida, frequentemente, para muitas mulheres, algumas bem jovens. Sempre fui sedutor e falar disto me faz rir, já que lembro de fatos engraçados. Me sinto sempre obrigado em reverenciar as mulheres que conheci, das quais me orgulho e com as quais muito aprendi. Foram todas belíssimas cada qual com sua beleza, e um tipo de inteligência própria, Bibi Anderson, Liv Ullmann, Ingrid Thulin...e não duvides, todas, de fato, existiram em minha vida. Mas devo informar-te, que nem tudo são flores, muito sofri com a separação de minha terceira esposa. Era uma experiência estranha aquela de amar alguém com quem não era possível viver.

Com isso, confesso-te: se me fosse possível tê-las, hoje, todas, ao meu lado, que velhice feliz e ardente eu teria. Os prazeres da carne, ainda me excitam, me fazem vivo, pulsante, um misto de gozo, erotismo e plenitude. Não te ofendas com o que digo, que Deus, se ele existe, abençoe as obrigações da volúpia!

Cícero: Como ousas? Nem sei se compreendo o que dizes, prefiro abster-me de quaisquer comentários e retornar para a nossa quarta e última razão de temer a velhice, “a que desola e acabrunha particularmente as pessoas de minha idade: a aproximação da morte”, a incontestável.

“Como é lastimável o velho que, após ter vivido tanto tempo, não aprendeu a olhar a morte de cima! Cumpre ou desprezá-la completamente, se pensarmos que ela ocasiona o desaparecimento da alma, ou desejá-la, se ela confere a

essa alma sua imortalidade. Não há alternativa. Porque eu temeria a morte se, depois dela, não sou mais infeliz, quem sabe até mais feliz? Aliás, quem pode estar seguro, mesmo jovem, de estar ainda vivo até o anoitecer”?

Bergman: Não houve um dia em minha vida em que não pensei na morte. Ou, em que o pensamento de morte não tenha me tocado de alguma maneira. Mas então algo curioso aconteceu. Desenvolvi um abscesso com sinais de envenenamento sanguíneo que precisou ser extraído. Senti uma pequena dor e depois nada. Isto me fascinou. Eu pensei: a morte é assim? Percebi então: você é uma luz que é acesa e então um dia ela é apagada. Depois não há nada, não sobra nenhuma chama. Então, a morte não é nada para se temer.

Cícero: Com base no que dizes, “retorno à morte que nos espreita”. Por que fazer disto motivo de queixa à velhice, se é um risco que a juventude compartilha”? ‘Foi após a morte de meu filho que me dei conta de que a morte sobrevém a qualquer idade”.

Bergman: Perdoa-me te interromper, mas também fui assolado por algo devastador: a morte de minha amada Ingrid, minha última mulher, há 8 anos. Pensei: nunca mais verei Ingrid, ela se foi para sempre. Mas a coisa estranha é: sinto intensamente a presença de Ingrid, sobretudo aqui em Faro. Não posso sentir sua presença se ela não existe, posso?

Cícero: Meu caro, “quando o fim chega, o passado desaparece”. “Quanto às horas, elas se evadem, assim como os dias, os meses, os anos. O tempo perdido jamais retorna e ninguém conhece o futuro. Contentemo-nos com o tempo que nos é dado a viver, seja qual for! Para ser aplaudido o autor não tem necessidade de desempenhar a peça inteira. Basta que seja bom nas cenas em que aparece. Do mesmo modo, o sábio não é obrigado a ir até o aplauso final. Uma existência, mesmo curta, é sempre suficientemente longa para que se possa viver na sabedoria e na honra”.

“Os frutos da velhice são todas as lembranças do que anteriormente se adquiriu”. “Que há de mais natural para um velho que a perspectiva de morrer? Quando a morte golpeia a juventude, a natureza resiste e se rebela. Assim como a morte de um adolescente me faz pensar numa chama viva apagada sob um jato de água, a de um velho se assemelha a um fogo que suavemente se extingue. Os frutos verdes devem ser arrancados à força da árvore que os carrega; quando estão maduros, ao contrário, eles caem naturalmente. Do mesmo modo, a vida é arrancada à força dos adolescentes, quanto deixa aos poucos os velhos quando chega a hora. Consinto de tão boa vontade tudo isso que, quanto mais me aproximo da morte, parece que vou me aproximando da terra como quem chega ao porto após uma longa travessia”.

Bergman: Na cirurgia que eu havia feito, sei, aconteceu uma coisa química, não foi uma morte real, mas uma morte artificial. Na morte verdadeira, pode ser simplesmente que Ingrid esteja esperando por mim e que ela exista e que ela virá me encontrar. Aceito que irei encontrar a Ingrid com minha morte, evito

aquele outro pesadelo que nunca a encontraria de novo. Mas agora, te deixo a palavra, já que muito me emociona falar de Ingrid.

Cícero: Compreendo-te, porque o mesmo acontece comigo quando falo de meu filho. Mas “não deveríamos nos afligir com a morte, já que ela dá acesso à eternidade. Pode acontecer que se sinta uma certa apreensão no momento de morrer, mas isso dura pouco”. “Cada um de nós deve morrer, com efeito; hoje mesmo, talvez. Mas com a obsessão da morte, que pode sobrevir a qualquer momento, como conservar o espírito calmo”?

Hoje percebo que “a substância que engloba uma viva inteligência, uma vasta memória do passado, um sólido conhecimento do futuro, tantos talentos, saber e descobertas, não poderia ser mortal. A alma está sempre em movimento: este não tem começo - a alma é seu próprio motor - e não terá fim, pois a alma não abandonará a si mesma. Além disso, como a alma é homogênea por natureza e não contém elemento díspar, ela não pode ser fracionada. Ora, sem fracionamento não há morte possível”.

“Minha alma desperta sempre pressagiou o futuro, como se tivesse adivinhado que, uma vez deixada a vida, ela finalmente viveria. Não, se fosse verdade que as almas não são imortais, os grandes homens não realizariam tantos esforços para alcançar a glória e a imortalidade”.

“Deixo a vida não como quem sai de casa, mas como quem sai de um albergue onde foi recebido. A natureza, com efeito, nos oferece uma pousada provisória e não um domicílio”. “Fui eu que queimei seu corpo quando ele é que deveria ter queimado o meu. Mas sua alma não me abandonou; ela vela sobre mim desde aquele lugar aonde ela sabe que devo ir”. Aceitei corajosamente o luto por meu filho, não por resignação, “reconfortava-me a ideia de que a separação e o afastamento seriam de curta duração”. Assim eu termino. Concluo com isto que me é difícil dizer quem, neste colóquio, foi o mestre e isto é bom. Espero encontrar-te novamente, se assim os Deuses desejarem.

Bergman: Não tenho mais tempo, gostaria de terminar este encontro falando a ti, daquilo que reservei propositadamente para o final, que são os meus demônios.

O que são eles? Como eles são? O pior é o demônio do desastre. A verdade é que tenho um elevado estado de preparação para o desastre. Isto significa que você imagina que tudo que faz num dia, que tudo que planeja para os dias seguintes dará extremamente certo. Tenho um outro demônio, o tive durante toda a minha vida: o demônio do medo. Na verdade tenho medo de tudo, de vários tipos de pessoas. Tenho medo de multidões, sou uma pessoa profundamente medrosa. Então há um demônio difícil de lidar: o demônio da raiva. Não sei porque o tenho, mas herdei de meus pais. Quer dizer que sou uma pessoa irascível, tenho um gênio terrível. Há também um demônio embaraçoso, o do rancor: tenho uma memória de elefante.



E esses são os demônios que não tenho: um poderia ser chamado de demônio do nada, quando minha criatividade ou imaginação me abandonam, quando as coisas se tornam totalmente silenciosas e vazias e não há nada lá. É algo que sou profundamente grato, este demônio não me pertence.

Ingmar Bergman é como alguns dos seus personagens. Pode ser o Dr. Isaac Borg de “Morangos Silvestres”, ou pode ser o marido infiel, Johan de “Cenas de Um Casamento” ou o angustiado cavaleiro de “O Sétimo Selo” e ainda muitos outros personagens que nos encantaram ao longo da vida. A todos eles, Bergman emprestou sua alma, projetou-se e, porque não dizer, estilhou-se em cada um, até tornar-se o personagem principal de seus filmes e da vida. Ernst Ingmar Bergman morreu em 2007 na sua adorada Ilha de Faro.

Referências

- BERGMAN, I. *Imagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BERGMAN, I. *O Sétimo Selo*. [Filme-DVD]. Suécia. Versátil Home Vídeo, 1956.
- BERGMAN, I. *Morangos Silvestres*. [Filme-DVD]. Suécia. Versátil Home Vídeo, 1957.
- BERGMAN, I. *Cenas de um Casamento*. [Filme-DVD]. Suécia. Versátil Home Vídeo, 1972.
- BERGMAN, I. *A Ilha de Bergman*. [Filme-DVD]. Suécia. Versátil Home Vídeo, 2006.
- CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer e A amizade* (NEVES, P, Trad.). Porto Alegre: L&M, (2010).
- GUSMÃO, N.M.M. *Cinema, velhice e cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2005.
- ORICCHIO, L.Z. *O magnífico outono de Bergman em sua ilha*. Recuperado em 21 novembro, 2010. Disponível em:
http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100131/not_imp504124,0.php

Luciana Helena Mussi - Engenheira, Psicóloga e Mestranda em Gerontologia pela PUC/SP. E-mail: lh0404@terra.com.br.